

Solidariedade

(publicado em AZEVEDO, C. A.; CARVALHO, C. L. (Org.) . *São Paulo Minha Cidade.Com: mais de mil memórias*. 1ª. ed. São Paulo: São Paulo Turismo S/A, 2008. v. 1. 358 p.)

No comecinho dos anos 70 trabalhei durante uns dois anos na extinta Companhia Editora Nacional. A editora, uma das mais importantes naquele tempo, ficava na rua dos Gusmões. Muitas prostitutas moravam nos apartamentos por ali em volta. Da janela da sala onde eu trabalhava, acompanhava um pouco a vida de algumas delas. Pelo que sei, muitas trabalhavam nas boates e inferninhos da Major Sertório e adjacências e iam dormir tarde. Acordavam lá pelas onze da manhã e ficavam nas janelas e terraços de seus apartamentos olhando a paisagem com ar sonolento e entediado. Suas empregadas domésticas eram homossexuais velhos. Essas figuras andavam para lá para e para cá vestidos de mulher, com rosto pintado, perucas e saltos altos, fazendo compras para suas patroas. Na época, começavam a circular notícias sobre os primeiros assaltos feitos por crianças no centro da cidade. Foi por aí, acho, que passaram a ser chamados de trombadinhas. Isso porque vinham por trás, derrubavam a vítima com um empurrão, a tal trombadinha, e fugiam com o produto do roubo, em geral, pacotes, bolsas e valises. Os assaltos eram praticados na Praça da República, rua Barão de Itapetininga, avenida Ipiranga, avenida São João e outras por ali. Após o roubo, a criançada fugia para a chamada “boca do lixo”, justamente a região de ruas como Aurora, dos Andradas e dos Gusmões, onde eu trabalhava. Eram crianças pequenas de 8 a 12 anos. Assisti cenas inesquecíveis. Estava lá trabalhando e, de repente, escutava a sirene da polícia e uma gritaria na rua. Espiava pela janela. Lá vinham os meninos correndo pelo meio da rua, pois os lojistas não gostavam deles. Alguns até tentavam agredi-los com pontapés e vassouradas. Às vezes a polícia era rápida e conseguia pega-los. Era triste vê-los sendo literalmente chutados com muita violência e covardia para dentro do camburão. Outras vezes, porém, quando dava, as mulheres desciam correndo e chamavam da porta dos prédios: “vem, vem, corre, entra, entra!”. Sumiam com os meninos dentro de seus apartamentos. Quando a polícia chegava, não encontrava ninguém e não dava para ir de apartamento em apartamento atrás dos fugitivos. Sempre admirei aquelas mulheres por seu espírito de solidariedade.